

O que pode o cu?¹ **What an ass can do?**

Bruno Souza Leal ²

Carlos Magno Camargos Mendonça³

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça⁴

Resumo: *O artigo se propõe a refletir sobre como o cu se apresenta em diferentes narrativas, onde tensões e contradições emergem e se explicitam: textos como notícias, vídeos de humor, cantos homofóbicos de torcidas de futebol, uma performance acadêmica de Tertuliana Lustosa. Nas reflexões, há ao menos três dimensões significativas no que diz respeito às relações entre corpo, gênero e sexualidade: a) contornos contemporâneos daquilo que Michel Foucault (1978) chamou de “dispersão discursiva sobre o sexo”; b) aspectos importantes da construção das corporalidades, para além das dualidades que usualmente são mobilizadas para apreendê-las; c) dinâmicas contraditórias das masculinidades, que têm no cu um lugar prescrição, de prazer e de curiosidade. Nossa pergunta reconhece no vocábulo “poder” uma dupla função: como verbo nos leva para as reflexões sobre aquilo que está permitido e prescrito ao cu; como substantivo nos conduz para a investigação de quais relações políticas circundam tal orifício.*

Palavras-Chave: Cu. Mídia. Masculinidade.

Abstract: *This article sets out to reflect on the ways in which the ass is presented in different narratives, in which tensions and contradictions emerge and become explicit: different texts such as news stories, humor videos, homophobic chants from soccer fans, a performance held at the Federal University of Maranhão by Tertuliana Lustosa. In these reflections, there are at least three significant dimensions with regard to the relationship between the body, gender and sexuality: a) contemporary contours of what Michel Foucault (1978) called the “discursive dispersion” of sex; b) important aspects of the construction of corporealities, beyond the dichotomies that are usually used to understand them; c) contradictory dynamics of masculinities, which have in the ass both a place of prescription and of pleasure and curiosity. Our question recognizes in the word “power” a double function: as a verb it leads us to reflect on what is allowed, and also prescribed, for the ass; as a noun, it leads us to investigate what political relations surround this orifice.*

Keywords: Ass. Media. Masculinity.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Professor Titular do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente permanente do PPGCOM/UFMG. Integra o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais (www.tramas.com.br). Pesquisador do CNPq; E-mail: brunosleal@gmail.com

³ Professor Titular do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente permanente do PPGCOM/UFMG. Integra o Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional (www.neepec.com.br). Pesquisador do CNPq. E-mail: macomendonca@gmail.com

⁴ Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP. Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS). E-mail: felipeviero@gmail.com

1. Ai, meu cu! Introdução

Em *Terror Anal*, Paul B. Preciado (2009) traz uma parábola sobre nossas origens. No início, teríamos sido um emaranhado de líquidos e de sólidos, recobertos pela pele, a qual se abriria em dois orifícios: a boca e o cu. O medo, então, de que toda a pele se convertesse em órgão sexual, teria feito com que os corpos buscassem formas de controle. Foi preciso, aí, fechar o cu, para sublimar os desejos, assim como foi preciso fechar a terra comum, para definir a propriedade privada. “Fechar o ânus para que a energia sexual que poderia fluir através dele se convertesse em honrada e saudável camaradagem viril, em intercâmbio linguístico, em comunicação, em imprensa, em publicidade, em capital” (Preciado, 2009, p. 136, tradução nossa). A Igreja, também movida pelo medo, teria encontrado uma forma limpa de castrar o cu: ao passo que colocava um dólar nos cus dos meninos, afirmava que assim é que se chegaria à posição de proprietário de mulheres, de filhos, de nações. “Posto a disposição dos poderes públicos, o ânus foi costurado e selado. Assim nasceu o corpo privado” (Preciado, 2009, p. 136, tradução nossa). Os corpos dos homens heterossexuais, portanto, seriam resultantes de um ânus castrado e, apesar de se apresentarem como dominadores, seriam também mutilações. Nos homens heterossexuais, o cu seria unicamente um orifício excretor (algo lembrado por Levy Fidélis, na altura candidato à presidência desta república, em um debate durante a campanha eleitoral de 2014⁵), uma cicatriz/lembrança da castração.

Alvo de polêmicas, recorrentemente citado, sendo atacado ou enaltecido, a depender do contexto, o cu também tem seu lugar nos estudos acadêmicos. Sigmund Freud (2016) se volta ao cu, de modo mais específico, no início do século XX, para observá-lo como uma zona erógena primária. Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) destacam como a nossa sociedade, falocêntrica, teria procedido uma vasta privatização dos órgãos, sendo o ânus o primeiro a ser colocado fora do campo social. Guy Hocquenghem (2009), em um dos textos fundantes da Teoria *Queer*, realiza um diagnóstico crítico acerca da relação entre capitalismo e heterossexualidade e toma o cu como lugar fundamental de ser sublimado neste processo. Paul B. Preciado (2014), por sua vez, define o cu como o centro transitório de um trabalho de

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2014/10/03/aparelho-excretor-nao-reproduz-veja-frases-da-semana.htm> Acesso em: 02/2025.

desconstrução contrassexual em razão de três características: é uma zona erógena universal, que se situa para além dos limites da diferença sexual (todo mundo tem um cu); é produtor de excitação e de prazer que não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos; e, por fim, constitui-se em espaço de trabalho tecnológico, ou seja, é uma fábrica de reelaboração do corpo contrassexual pós-humano. Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016) têm como objetivo ver o que o cu põe em jogo, buscando compreender, dentre o medo e o fascínio, o desejo e o ódio, de que modo ocorre, e a partir de quais diferenças se estabelecem, as estratégias de controle sobre ele. Ao propor uma ética bixa, Paco Vidarte (2020) pondera que tal ética, feita por nós e para nós, que parte de uma singularidade, de um indivíduo particularmente bixa, deve necessariamente ser anal.

No Brasil, entre outras/os, Larissa Pelúcio (2014, p. 4) propõe um movimento antropofágico em relação aos estudos *queer*. “Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro *queer*, nos assumimos como teóricas e teóricos cu”. Jota Mombaça (2015) sugere que pensemos boca e cu como duas extremidades de um mesmo tubo, como sendo ambos órgãos interditados, adequados à norma *heterocissexista*, que revelam a dimensão corpo-política da construção da realidade e, sobretudo, de um discurso hegemônico não-negro. Tertuliana Lustosa (2023), inspirada pela pergunta lançada por Gayatri Spivak (2010) (*pode o subalterno falar?*), questiona se um cu pode educar, ponderando acerca das implicações do prazer e do corpo enquanto potências pedagógicas e artísticas. Leonardo Matoso e Josenildo Bezerra (2024) acionam uma gama de pesquisas, de diferentes campos (medicina, história, psicanálise, filosofia), a fim de observar como se estabelece aquilo que compreendem como um cárcere anal, apontando os limites transgressores entre o cu e a produção discursiva que o cerca.

Esse conjunto de trabalhos acadêmicos, longe de apontar para uma centralidade das reflexões sobre o cu no âmbito dos estudos de gênero e de sexualidade, afirmam o oposto. O cu, como órgão sexual, tem uma dimensão provocativa e desestabilizadora exatamente por seu lugar “marginal”, não-heterocêntrico, não-reprodutivo, na contraface dos discursos normalizadores e institucionalizados. Tendo esses entendimentos como ponto de partida, este artigo se propõe a refletir sobre os modos como o cu se apresenta em diferentes narrativas, midiáticas e além. Essas narrativas fazem o cu acontecer em meio a redes textuais sociais complexas, nas quais tensões e contradições emergem e se explicitam. Para tanto, nos

aproximamos de diferentes textos, como notícias, vídeos de humor, cantos homofóbicos de torcidas de futebol, uma performance realizada na Universidade Federal do Maranhão por Tertuliana Lustosa e suas repercussões. Essa diversidade de materiais não se propõe nem a ser exaustiva (todas as narrativas sobre o cu, num dado período do tempo), nem representativa (exemplos de uma abordagem mais ampla). Buscamos, sim, nos aproximarmos de linhas (Ingold, 2015; 2018), dessa malha textual e observar algumas das relações que ali se configuram. Nossa escrita, ainda, é marcada pela vivência de nossos corpos políticos. Somos três sujeitos gays, três pesquisadores bixas e, conscientes, pomos o cu na roda. Como ponto de partida, perguntamos, como guias iniciais da reflexão: *Quem tem medo do cu? Qual o problema em se falar do cu? Por que a associação entre cu e sexo é algo tão inadequado?*

Tais questões gerais balizam um caminho para que se possa alcançar, nessas reflexões sobre o cu, ao menos três dimensões significativas no que diz respeito às relações entre corpo, gênero e sexualidade. Primeiro, certos contornos contemporâneos daquilo que Michel Foucault (1978) chamou de “dispersão discursiva” sobre o sexo que, na visão do filósofo francês, põe em xeque a “hipótese repressiva” da sexualidade. Segundo, aspectos importantes da construção das corporalidades, para além das dualidades que usualmente são mobilizadas para apreendê-las (como saúde/doença). Terceiro, por fim, sobre dinâmicas contraditórias das masculinidades, que têm no cu tanto lugar da prescrição quanto do prazer e da curiosidade. Este artigo, portanto, ao buscar alcançar algumas dessas contradições, dimensões e contornos, entende o cu como algo decisivo, incontornável e que requer contínuas reflexões.

A pergunta que intitula este trabalho inspirou-se na questão formulada por Gilles Deleuze (2002a, 2002b) à filosofia de Spinoza: “O que pode o corpo?” Ao elaborar tal questão, Deleuze (2002a, 2002b) examinava, para além das estruturas físicas, as relações de poder que envolvem o corpo. O filósofo francês buscou no pensamento de Spinoza o percurso para um retorno ao corpo, para investigar nossas relações com ele, as políticas e os poderes que dele nascem e a ele retornam em tentativas de controle ou de libertação, recusando-se a construir uma interpretação objetificada sobre ele. Remontando à inspiração spino/deleuziana, ao perguntamos então o que pode o cu, reconhecemos no vocábulo “poder” uma dupla função: o verbo e o substantivo. No primeiro caso, o sentido do verbo nos leva para as reflexões sobre aquilo que está permitido, e também prescrito, ao cu. No segundo, o substantivo nos conduz para a investigação de quais relações políticas circundam tal orifício. Em sua dupla condição, de verbo e substantivo, o que pode o cu está regido por razões e por paixões.

2. O cu está na boca do povo

Foucault (1978), contrariando a ideia da sexualidade como algo “reprimido” (e também “liberado”, por consequência), observa uma “explosão discursiva” sobre o sexo, na qual há, por um lado, uma “depuração” do vocabulário, polícia dos enunciados e controle das enunciações; e, por outro, uma “multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder” (Foucault, 1978, p.22), marcado pela incitação institucional a se falar do sexo cada vez mais. O cu, nessa rede discursiva, se apresenta, como apontam Saez e Carrascoza (2016), como uma espécie de “outro”, desqualificado, estrangeiro, que serve de parâmetro para o que é legítimo e adequado, podendo e devendo então ser constantemente convocado para lembrar e afirmar essa margem que separa o “bom” e o “ruim”.

Essa dispersão discursiva sobre o cu encontra hoje, talvez, alguns contornos peculiares. Um breve levantamento feito no UOL, um dos maiores portais de notícia brasileiros, em janeiro de 2025, com os termos “sexo anal” e, depois, “beijo grego” e “fio terra”, trouxe mais de 31.900 resultados para o primeiro, 3.300 para o segundo e 20.300 para o terceiro. Um olhar sobre essa diversidade de textos faz ver aspectos interessantes. Por um lado, há um conjunto de notícias que trazem revelações sobre comportamentos sexuais de homens e mulheres famosos, como Pedro Scooby, Juliette, José Loreto e Marina Sena, que falam sobre sexo anal, “fio terra” e beijo grego. Por outro, há reportagens e artigos que, motivados ou não sobre essas revelações, falam sobre diferentes aspectos do cu como órgão sexual e de práticas eróticas com ele.

Assim, por exemplo, em 09 de agosto de 2021, a seção “Observatório da TV” trouxe a matéria *“Na onda do ‘beijo grego, conheça artistas que adoram a prática sexual’”*⁶, em que celebridades manifestam sua relação com essa prática com seus/suas parceiras/os e também com o “fio terra” e o sexo anal. Já em 13 de agosto de 2024, a página de Hugo Gloss noticia que, em uma entrevista a um *podcast*, Pedro Scooby declarou gostar de receber o beijo grego (*“Pedro Scooby dá declaração sincera sobre ‘beijo grego’ e diz se já fez sexo com outros homens; assista”*)⁷. No texto, recuperam-se trechos em que o surfista e ex-BBB fala de sua iniciação sexual e de suas práticas sexuais. Em 05 de março de 2024, a seção Splash traz a

⁶ Disponível em: <https://observatoriodatv.com.br/colunas/cadu-safner/na-onda-do-beijo-grego-conheca-artistas-que-adoram-a-pratica-sexual> Acesso em: 02/2025.

⁷ Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/pedro-scooby-da-declaracao-sincera-sobre-beijo-grego-e-diz-se-ja-fez-sexo-com-outros-homens-assista/> Acesso em: 02/2025.

notícia “*Marina Sena curte sexo anal e não está só: o que famosas pensam sobre o c**”⁸, em que a cantora e outras celebridades como Claudia Raia, Valesca Popozuda, Anitta e Sandy dizem se gostam ou não dessa prática. Um outro conjunto de matérias, por sua vez, tem um enfoque mais genérico e comportamental, com depoimentos de pessoas dizendo gostar de sexo anal⁹, orientações sobre práticas sexuais com o cu¹⁰ e, especialmente, sobre os cuidados médicos durante tais atos¹¹.

A partir dessa breve incursão em textos jornalísticos não se pode dizer que práticas sexuais anais são um tema interdito ou silenciado. Se há uma fala regular no Uol sobre sexo e cu, é interessante observar que ela não obedece a restrições de gênero e seu tom é predominantemente positivo: sexo anal, beijo grego e “fio terra” são apresentados como práticas prazerosas para muitas pessoas (não para todas) e como experiências saborosas. Ao mesmo tempo, as recorrentes orientações de caráter médico como que lembram que as práticas anais não são nem tão populares nem tão “pouco perigosas” assim¹². Nesse sentido, essa rede textual jornalística atua, como já apontava Foucault (1978), não na repressão e sim na disciplinarização das práticas sexuais com o cu, postas como algo “diferente” (a ponto de virar notícia), prazeroso e que exige atenção específica. Essa regulação, porém, oscila entre configurar as relações com o cu entre algo bom, por um lado, e perigoso, por outro.

Uma das matérias mais antigas encontradas nesse levantamento é da coluna de Rosely Sayão, no extinto caderno Folhateen, voltado, como o nome diz, a adolescentes. Publicado em 15 de julho de 1996, o texto¹³ comenta uma carta de um rapaz de 20 anos que diz que fantasia com o sexo anal com a namorada e que gosta de ser tocado na região do cu. Ele pergunta “se isso é algum tipo de característica homossexual ou se é normal”. A colunista responde comentando o medo que homens heterossexuais têm da homossexualidade e distingue prática sexual da atração por pessoas do mesmo gênero. As respostas, como se percebe, são

⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/03/05/marina-sena-curte-sexo-anal-e-nao-esta-so-o-que-famosas-pensam-sobre-o-c.htm> Acesso em: 02/2025.

⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/03/22/trai-meu-namorado-descobri-o-sexo-anal-e-nao-vivo-mais-sem.htm> Acesso em: 02/2025.

¹⁰ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/07/12/excesso-de-dor-durante-o-sexo-anal-pode-indicar-problemas-de-saude.htm> Acesso em: 02/2025.

¹¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/20/fio-terra-respostas-para-duvidas-que-muitos-casais-tem-sobre-a-pratica.htm> Acesso em: 02/2025.

¹² Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2024/08/14/beijo-grego-conquistou-scooby-pratica-sexual-de-lamber-o-anus-e-perigosa.htm> Acesso em: 02/2025.

¹³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/15/folhateen/2.html> Acesso em: 02/2025.

pertinentes, mas o interessante nesse caso é o tabu do jovem que questiona sua orientação sexual a partir da fantasia com cus (o seu e o da namorada). Tal medo se articula à percepção de práticas sexuais com o cu como algo “bombástico”, “diferente”, presente em matérias publicadas quase 30 anos depois e indica que as dinâmicas biopolíticas não apenas conformam o corpo como, também, o fragmentam, construindo corporalidades múltiplas e um tanto contraditórias.

As matérias jornalísticas coligidas aqui explicitam tanto as dinâmicas temporalmente complexas que envolvem a regulação do cu como órgão sexual como suas contradições. Nesse sentido, é interessante notar que boa parte dos textos noticiosos do UOL apontam para o prazer anal das mulheres, algo que foge de uma dicção usualmente masculina. Ao mesmo tempo, novamente, as contradições pululam. Em 08 de maio de 2023, a seção *Universa*, voltada ao público feminino, traz uma matéria com um título instigante: “*Homens têm fixação pelo sexo anal? Entenda origem do desejo*¹⁴”. Pela manchete, alguém até poderia supor que o texto, ainda que mais focado na experiência feminina, também fosse falar sobre o interesse de homens em serem ativos e passivos durante o sexo anal. No entanto, a matéria é toda organizada em torno da mulher, seus medos e os cuidados que deve ter ao ser penetrada (alocando-a, então, como restrita a esse lugar: ser penetrada). Quanto aos homens, é dito que “por ser uma região estreita, o ânus proporciona uma pressão maior no pênis, que causa grande excitação e prazer ao homem. Além disso, existe a influência da predileção nacional pelo bumbum e também a sensação de domínio que agrada”. Há, então, no texto, o entendimento de que homens são seres penetrantes e jamais penetráveis e que o sexo anal é perpassado por uma relação de dominação/submissão.

Essa associação entre penetrar/ser penetrado e dominação/submissão é, a partir do que diz Daniel Welzer-Lang (2001), fundamental para a constituição das masculinidades. O sociólogo engendrou a “metáfora/conceito” da *casa dos homens* para descrever os ambientes onde ocorrem procedimentos de homossociabilidade que alicerçam a edificação das identidades masculinas. Em oposição a uma perspectiva que supõe a natureza como fundamento da realidade, forjada sob um ponto de vista machista e heterocêntrico da conformação do gênero nas sociedades humanas, a metáfora evidencia a progressiva expansão do território existencial sobre o qual os homens aprendem a ser homens, disputando os eternos

¹⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/05/08/homens-tem-fixacao-por-sexo-anal-entenda-origem-do-desejo.htm> Acesso em: 02/2025.

jogos de poder intragênero, afirmando seu lugar hierárquico em relação ao “sexo oposto” e pautando-se pela LGBTQfobia (Borrillo, 2010). Na “casa-dos-homens” a identidade de gênero se faz no jugo da submissão e, simultaneamente, no ganho das benesses por aderir ao modelo. Só ganha algo nesse jogo aqueles que a ele se submetem. A submissão opera tanto pelas formas da violência e da ideologia, quanto por tecnologias estruturadas e organizadas, sutis e diretas ao mesmo tempo, sem necessariamente serem violentas (Foucault, 2005). Da mesma maneira, nessa “casa” aprende-se que a ação se aprende no sofrimento. Logo, é preciso sofrer e fazer o outro sofrer para agir como homem. Tudo na “casa-dos-homens” funciona por hierarquias. Para a boa execução desse modelo duplo é preciso investir na visualidade dos ocupantes dos degraus hierárquicos, que incluem, nos termos de Welzer-Lang (2001), quem são os “grandes homens” e até quem são os “não-homens”.

3. Quem tem cu, tem (qual) medo?

Se há algo que será inegável ao corpo é a capacidade que este tem de transformação, adaptação e regeneração. O corpo nos permite uma interação com nosso entorno, define nossa presença no mundo. Trata-se, em diálogo com David Le Breton (2007), de um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é constituída. Desenvolvemos modos sensíveis para semantizar a existência: o tato, o paladar, o olfato, a audição, a visão. A partir dos sentidos, o corpo aprimorou processos que permitiram nossa entrada nos territórios da linguagem, um universo constituído por sistemas de signos: o ver, o escutar, o falar, o pensar. O corpo afeta e é afetado pela experiência do viver. “A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado” (Deleuze, 2002b, p. 147). É um deixar-se afetar que nos permite sentir a vida e reagir ao ambiente. John Dewey (1980) observou a experiência como uma interação entre as criaturas vivas e os ambientes que as cercam. É pela experiência que o mundo se constitui em nós. Se é verdadeira essa afirmação, controlar as experiências dos corpos é o modo mais eficiente para regular a produção de mundos possíveis e, logo, o estabelecimento de realidades.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) chamaram a atenção para as maneiras pelas quais a saúde do capital segmentava os órgãos e, ao mesmo tempo, os reconectava sob uma lógica de fluxos desejan-tes: um corpo transformado em máquina, uma fábrica que funciona ininterruptamente. Os pensadores franceses nos ensinam que uma máquina quer produzir

sempre: desejos, dinheiros, políticas, outros corpos. Nas políticas do capital, o corpo é uma máquina desejante, uma máquina órgão que não para de produzir, de conectar fluxos. Deleuze e Guattari (2011) explicam que o desejo é uma produção, que deve ser experimentado e não interpretado. Como modo de produção exercido pelos indivíduos, o desejo estará sempre atrelado às experiências.

As narrativas jornalísticas sobre o sexo anal, assim, parecem se integrar a esse fluxo de desejos que, no entanto, é produzido a partir de um discurso regulatório peculiar. Em uma matéria¹⁵, que repercute a declaração do então BBB Fred Nicácio que disse que gostava de fazer o beijo grego em seus parceiros, publicada na seção “Viva Bem”, em 10 de fevereiro de 2023, lemos um conjunto de orientações médicas relativas ao uso do cu em práticas sexuais. O cu é narrado como uma “região potencialmente contaminada do nosso corpo” e são apresentados então os riscos dessa contaminação e seus agentes (vírus e bactérias diversos) e modos de se proteger. Praticamente 2 anos depois, em 04 de fevereiro de 2025, a seção Universa traz dicas para “iniciantes” do sexo anal, com indicações ilustradas de posições e modos de penetração anal¹⁶. As ilustrações trazem, nas cenas de sexo anal, casais compostos por homens e mulheres e por dois homens. Ambos os textos podem ser vistos como integrando não apenas uma rede discursiva sobre sexo e cu, mas também como materializações de uma pedagogia corporal, que normatiza e conforma os prazeres anais. Essa ação pedagógica, que visa a educar corpos, está articulada sem dúvida a uma diversidade de outros processos e procedimentos que tem como objetivo orientar e organizar nossas experiências corporais através da difusão de comportamentos, ações e técnicas variadas (Shiling, 2024). Chama a atenção nesse caso, como já apontamos, que essa pedagogização do cu é controversa, pois opera numa dualidade, de contornos imprecisos, entre o saudável e o sujo e que se transmuta em pares como legítimo/ilegítimo, decente/indecente.

Como observa Mabel Moraña (2021), essas dualidades envolvendo o corpo constituem o campo de tensões no qual nossas experiências corporais são configuradas no Ocidente. Entre elas, estão saúde/enfermidade, natural/artificial, prazer/dor, corpo/mente. Ainda que presentes na vida cotidiana, tais dualidades explicitam algo que Moraña (2021)

¹⁵Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/02/10/nicacio-beijo-grego-riscos-para-a-saude.htm> Acesso em: 02/2025.

¹⁶Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2025/02/04/sexo-anal-para-iniciantes-estas-dicas-valiosas-e-prazerosas-vao-te-ajudar.htm> Acesso em: 02/2025.

ênfatisa: o corpo não se deixa aprisionar por tais dualidades, sempre escapando, sendo sempre “algo mais”, misterioso e inevitável. Nesse sentido, Saez e Carrascoza (2016, p. 55-56) observam que o cu frequentemente não só está além como questiona tais dualidades. Entendendo que o cu é um órgão do corpo que é “vazio” das marcas de gênero, quando é tomado como “sexual” (e não apenas como parte do aparelho digestivo), ele faz o sistema dominante “estremecer”. Segundo os autores,

[a] lógica tradicional heterocentrada, com seu binarismo pênis (homem) – vagina (mulher), como modelo do ‘natural’, do normal, do harmonioso, do que deve ser, vem abaixo quando entra em jogo um órgão que é comum a todos os sexos, e que não está, portanto, marcado pelo gênero masculino ou feminino.

Preciado (2014, p. 32), em consonância, lembra que é “pelo ânus [que] o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda”. Saez e Carrascoza (2016, p. 66) destacam, ainda, que “discursos médicos recortam partes do corpo de diferentes maneiras sexuais de acordo com a época, contextos, discursos, lugares” e, com isso, uma outra dualidade também é tensionada: a do corpo como “um todo” e como “um conjunto de partes”. O cu é, conforme um discurso dominante, “apenas” uma ponta do tubo digestivo. Ele é, nessa perspectiva, uma parte pequena e inferior de algo mais amplo, integrado ao todo somático. Ao ser tomado sexualmente, o cu se mostra também outra coisa, algo mais, assim como o pênis, a vagina, a boca, as mãos e demais partes corporais que podem servir ao prazer e a diferentes funções. Com isso, o cu se torna uma espécie de problema a ser então codificado, organizado, proscrito, regulado, como se fosse algo “autônomo”, com caráter ou qualidades próprias. O “esquecimento” e as diversas prescrições que envolvem o cu como órgão de prazer, assim, são ao mesmo tempo parte das dinâmicas políticas que conformam as corporalidades e também, como apontam Saez e Carrascoza (2016), algo que faz com que essas ações estremeçam, revelem suas “rotas de fuga” e inconsistências. Se a biopolítica ocidental (sobre)valoriza pênis e vagina, tomando-os como os únicos “órgãos sexuais”, outras partes do corpo fragmentam a inteireza dessa corporalidade regulada e os discursos que a instituem (Preciado, 2014). É o caso do cu e, também, em especial, do clitóris (Malabou, 2024). Ambos são incômodos, estranhos, discursivamente reduzidos, estando aquém, além e ao escândalo das normas.

Não é à toa que, já na abertura de seu livro, Saez e Carrascoza (2016, p. 22), ao passo que observam que “o cu parece democrático: todo mundo o tem”, lembram que “nem todo mundo pode fazer o que quer com seu cu”. Afinal, apontam eles, o cu é o lugar da injúria, do

abjeto, do insulto. “Tomar no cu” é uma expressão ofensiva e passível de ser usada por e para qualquer pessoa, de qualquer gênero. Nesse sentido, observa-se uma espécie de presença dispersiva do cu. Sendo considerado sujo e desqualificador, ele está presente no cotidiano numa diversidade grande de expressões, entre as quais “tomar no cu” é somente uma variação popular. Não se trata, portanto, de uma interdição plena do cu, de uma repressão cerrada, mas de sua inserção numa economia discursiva ampla e dispersa.

Em investigação anterior (Mendonça; Mendonça, 2021) advogávamos que os cantos homofóbicos das torcidas de futebol operam como dispositivos discursivos das masculinidades (Machado, 2018). Torcedores e torcedoras do *Coritiba Foot Ball Club*, em vídeo datado de 2013, entoam um canto específico. *“Atleticano porco. Filho da puta. Rebola, que eu vou comer sua bunda. Nasceu no chiqueiro, não tem onde dormir. E quando acha graça, não tem dente para rir. Pau no cu do Atlético. Cuzão¹⁷”*. A torcida do rival *Athletico Paranaense*, em vídeo datado de 2006, fala em “chupar rola” e “dar o cu”. *“Atirei o pau nos Coxa. E mandei tomar no cu. Coxaiada filha da puta. Chupa rola e dá o cu. Ei, Coxa, vai tomar no cu¹⁸”*. Para além do Paraná, onde ocorre o encontro da Compós deste ano, o cu é o alvo central em cânticos advindos de diversos outros estados do país. *“Rema, rema, remador. Pau no cu do Tricolor. Tricolor é vigarista. Pau na bunda do santista. Se santista não corresse, pau no cu do palmeirense. Se o Corinthians não ganhar, olê, olê, olá. O que? O pau vai quebrar¹⁹”*, é um dos cânticos do *Sport Club Corinthians Paulista* (em vídeo datado de 2017); *“Dia de jogo é um desespero, os atleticanos ficam se espremendo no poleiro. E perde pena e bate asas. Olha as franguinhas “tão” ficando assanhadas. No cu dos atleticanos, no cu dos atleticanos, no cu dos atleticanos²⁰”*, do *Cruzeiro Esporte Clube* (em vídeo datado de 2007) e *“Inter! Foderemos contigo. Torcida de cuzão [...] Com a calcinha vermelha, enfiada no cu. Inter filho da puta, tua mãe é prostituta! Vermelho é pra cuzão²¹!”*, do *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense* (em vídeo datado de 2010).

No contexto dos estádios, espaços relevantes enquanto lugares de socialização masculina, tais textos, na condição de ritos (Turner, 2008) comunicacionais, ao passo que são entoados, dizem sobre possibilidades e impossibilidades do masculino, reiterando lugares

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vqh1yzaHdgM> Acesso em: 02/2025.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KSGY4wCCTmc> Acesso em: 02/2025.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xug2TPiGvhU> Acesso em: 02/2025.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apHSJmmtLpg> Acesso em: 02/2025.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EaPYm2YOA3g&t=47s> Acesso em: 02/2025.

permitidos e interditados aqueles corpos. O que parece ficar evidente, enquanto traço comum a todos esses cantos homofóbicos, é a necessidade não apenas de definir-se como um cu impenetrável como, também, de desqualificar a posição passiva, e delegar um cu que atende a uma prática sexual, aos adversários. Cabe então a pergunta: quem tem cu, tem (qual) medo? Os cantos no futebol parecem nos dizer que o medo é o da penetração, pois. Como apontam Saez e Carrascoza (2016, p. 180/181), “ser um homem (e ser heterossexual) não parece depender tanto de ter genitais masculinos ou de manter práticas sexuais pênis/vagina, mas de manter o ânus sempre cerrado à penetração”. É pertinente destacar, ainda, que mesmo diante do enquadramento da homofobia como tipo penal definido na Lei do Racismo, pelo Supremo Tribunal Federal, em 2019, e da recomendação explícita do Tribunal de Justiça Desportiva, no mesmo ano, visando a coibição de atos discriminatórios durante partidas de futebol, o cu, enquanto lugar de desqualificação, permanece sendo recorrentemente citado nos estádios de futebol. Ainda que datados de períodos anteriores, todos os cantos citados permanecem disponíveis no *YouTube*, angariando milhares de curtidas e comentários favoráveis e dizendo da posição subordinada de quem ousar usar o cu com finalidade orgástica.

A relação dominação/submissão, sem dúvida uma variação de atividade/passividade, alcança todos os corpos a serem penetrados, ao passo que valoriza aqueles que se mantêm apenas como penetrantes. Remontando novamente ao pensamento de Welzer-Lang (2001), é importante lembrar que a “casa-dos-homens” é uma morada que abriga toda a existência do indivíduo, não somente na infância ou na adolescência. Ela é um operador de sentidos constantes, revisando regularmente os parâmetros da homosociabilidade, em seus aspectos regulatórios, gratificantes, violentos e controversos. Entretanto, as paredes dessa edificação têm fissuras, rachaduras, frestas e cus por onde escapam um fluxo mais plural, por onde é possível observar outros lugares, diferentes “casas” e “câmaras” em seu interior. Assim, percebemos que nessa “morada” habitam outros homens e outros corpos e que esses vivem mais ou menos distantes do ideal regulatório da masculinidade hegemônica. Estas frestas na morada abrem-se potencialmente para a possibilidade de subversão, de tornar *queer* os habitantes, os cômodos e os espaços das “casas-dos-homens”.

O entendimento de que para ser homem o cu tem de ser impenetrável foi tematizado, com humor, em um vídeo²² do *Porta dos Fundos*. Contando com mais de 18 milhões de

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iMmUh1BzxSs> Acesso em: 02/2025.

inscrições, o *Porta dos Fundos* apresenta-se como o maior perfil de entretenimento/humor da América Latina. Publicado em novembro de 2023, mês reconhecido pelo combate ao câncer de próstata, o vídeo *Novembro Azul Sincero*, que traz o ator Antônio Fagundes como protagonista, já alcançou mais de dois milhões de visualizações. O esquete provoca os homens a não terem medo de fazer o toque retal, exame básico de verificação da próstata. Com duração de 4'21", o vídeo inicialmente traz Fagundes em um cenário todo azul e a narrativa começa de modo um tanto protocolar, com o ator se apresentando ("você me conhecem das novelas") e trazendo dados sobre a doença ("você sabia que a cada 38 minutos morre alguém por câncer de próstata?"). Aos 23 segundos, porém, o ator, mantendo a expressão séria, preocupada, então pergunta: "quando é que você vai liberar esse cu aí?". Virando para uma outra câmera e já sorrindo, ele então diz: "colocar o cuzinho para jogo é a melhor forma de se prevenir contra essa doença...".

Ao longo do vídeo, Fagundes chama dois personagens, interpretados por Fabio Porchat (como seu Henrique) e Antônio Tabet (como o urologista Carlos Z. Rodrigues), para, respectivamente, dar um depoimento no sentido de expressar que ninguém se torna homossexual ao "abrir a avenida para deixar o ônibus passar" (afinal, "o cu não é botão de liga e desliga da heterossexualidade") e explicar como o exame é realizado. O abrir o cu para o exame, ou seja, para deixar-se penetrar, é referido no esquete por uma diversidade de expressões jocosas, como "acionar o botão reset", "abrir o terceiro olho", "entrar pela porta dos fundos", "visitar o bafundo" e "futucar o rasgado". A fala de Fagundes termina, então, com ele dizendo: "Tomar no cu de verdade é ter câncer. Uma campanha *Porta dos Fundos*". A seguir, o vídeo se encerra, sem o ator, com dados sobre a doença, reiterando o mote dito por Fagundes.

Todo o vídeo, assim, se baseia no medo de homens heterossexuais em serem penetrados. No entanto, a palavra "homem" é pouco utilizada no esquete, que usa também expressões como "pessoas com próstata" e às vezes só mesmo "pessoas", sem qualquer qualificação. Essa escolha é, sem dúvida, uma atenção às pessoas trans, mas é também um esforço de dar um alcance mais difuso à narrativa. Já o uso de expressões chulas diversas, além da óbvia intenção de produzir identificação e humor, faz ver que "abrir o cu" é tematizado socialmente por diferentes caminhos, entre eles a metaforização. A campanha do *Porta dos Fundos* nos lembra, por um lado, e mais uma vez, que não há uma interdição de fala sobre a penetração anal e que o "abrir o cu" é disciplinado como algo digno de chacota e

desqualificação; por outro, ao estimular as pessoas a deixarem “cutucar o seu butico” como algo necessário à sua saúde, reposiciona construções hegemônicas das masculinidades, em sintonia com o discurso médico. O não-dito do vídeo, porém, talvez seja o mais eloquente. Por que o medo de “quebrar o anel de honra”? O elemento erótico e orgástico que se apresenta na manipulação do cu é, no vídeo, o fundo no qual todo o medo – e o humor – se constituem. Isso fica sugerido na introdução do depoimento do “Seu Henrique”, quando se diz que o toque retal não interfere na orientação sexual das pessoas, e na referência jocosa a um possível “autoexame”, durante a cena de entrevista com o médico ficcional.

4. De cair o cu da bunda: o caso Tertuliana

No dia 17 de outubro de 2024, a historiadora, cantora e compositora trans Tertuliana Lustosa integrou a mesa redonda “*Dissidência de gêneros e sexualidades*”, em evento promovido pelo grupo de pesquisa Epistemologia da Antropologia, Etnologia e Política (Gaep), na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Em sua fala, inspirada em publicação prévia (Lustosa, 2023), ela reflete sobre as “pedagogias do cu” e canta algumas canções de seu grupo “A travestis”. No momento que canta “*Educando com o cu*”, Tertuliana se levanta e dança sobre uma cadeira, sendo acompanhada e gravada pelos presentes. Vídeos com essa performance foram postados no *YouTube* e serviram de material para um deputado de extrema-direita, que “denunciou” o “absurdo”²³.

A repercussão da “denúncia” foi grande, inclusive nas mídias tradicionais²⁴, com a performance recebendo condenações não apenas de políticos de direita, mas também de esquerda²⁵ e servindo de mote para críticas ao “identitarismo”, entre outras reações negativas²⁶. A UFMA apresentou uma nota oficial em que disse “averiguar” o que ocorreu e chegou mesmo a pedir investigação junto ao Ministério Público Federal, como forma de preservar a

²³ <https://www.instagram.com/metropoles/p/DBRLSH6ReJU/> Acesso em: 02/2025

²⁴ Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2024/10/17/cantora-bumbum-funk-letra-erotica-sala-aula-universidade-federal-maranhao.htm>; <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/10/18/historiadora-mostra-gluteos-e-faz-danca-erotica-em-palestra-na-ufma-a-pedagogia-que-eu-proponho-e-essa.ghtml>; <https://contigo.com.br/noticias/famosos/saiba-quem-e-historiadora-que-mostrou-nadegas-em-universidade-federal.phtml> Acesso em: 02/2025.

²⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/10/20/eliziane-condenacao-apresentacao-erotica-ufma-gluteos-cantora-tertuliana.htm> Acesos em: 02/2025.

²⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2024/10/a-esquerda-tera-que-rebolar.shtml> Acesso em: 02/2025.

“integridade institucional” da Universidade²⁷. O deputado que promoveu o “escândalo” anunciou que faria uma denúncia sobre o caso à Procuradoria Geral da República, o que não aconteceu, e se tornou então alvo de uma ação judicial promovido pela historiadora e cantora²⁸. Na performance na UFMA, Tertuliana Lustosa, ao dançar sobre a cadeira, mostra a bunda, deixando ver a calcinha que usava.

Não parece, porém, que foi a exposição da bunda o motivo da denúncia e sim o caráter erótico da performance, que seria indecente, que pouco contribuiria para a “luta social” e que seria incompatível com o ambiente universitário. Enquanto dança, Tertuliana Lustosa canta a canção *“Educando com o cu”*, cuja letra diz:

Pros fascista que me odeia, só dou um recadinho. Eu ainda vou ser a sua ministra da educação bb. Chegou A Travestis. Eu virei mestranda. Mestrado da Putaria. Vou te ensinar gostoso. Dando aula na sua pica. Aqui não tem nota. Nem recuperação. Não tem sofrimento. E se aprende com tesão. De quatro. Empina o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Educando com o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Educando com o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Educando com o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Ai meu cu caralho. Eu virei mestranda. Mestrado da Putaria. Vou te ensinar gostoso. Dando aula na sua pica. Aqui não tem nota. Nem recuperação. Não tem sofrimento. E se aprende com tesão. De quatro. Empina o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Educando com o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Educando com o cu. Cu cu cu cu cu cu. Educando com o cu. Cu cu cu cu cu cu. Cu cu cu cu cu cu. Respeita sua professora bb. Educando com o cu²⁹

Segundo o Uol, a polêmica tem a ver diretamente com a canção, pois “na apresentação, a artista cantou música com letra erótica”³⁰. A reiteração constante do cu como tema da performance, algo já indicado a partir do seu próprio título, acrescenta então dimensões importantes que aparentemente foram as razões do “escândalo” gerado. O erotismo denunciado está na exposição da bunda, sem dúvida, mas é acentuado com o chamado do cu à exposição. Mais que ter o cu como órgão sexual, o que parecer ser “escandaloso”, “indigno”, “vulgar” e “inadequado” é falar sobre isso publicamente, fora das sombras, à luz do dia, em

²⁷Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2024/10/25/ufma-pede-investigacao-penal-contrahistoriadora-que-fez-performance-erotica-em-evento-academico.ghtml> Acesso em: 02/2025.

²⁸Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/01/28/cantora-trans-cobra-indenizacao-de-nikolas-na-justica-por-expor-video-dela.htm> Acesso em: 02/2025.

²⁹ Disponível em https://www.google.com/search?q=educando+com+o+cu+letra&oq=educando+com+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCAGBEEUYJxg7MgYIABBFgDkyCAGBEEUYJxg7MgcIAhAuGIAEMgcIAxAAAGIAEMgcIBBAAGIAEMgcIBRAAGIAEMgcIBhAAGIAEMgYIBxBFGDzSAQgzNDM0ajBqNKgCALACAO&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em 02/25

³⁰ Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2024/10/17/cantora-bumbum-funk-letra-erotica-sala-aula-universidade-federal-maranhao.htm> Acesso em: 02/2025.

um espaço institucional. A “denúncia” que tanto comoveu diferentes setores sociais, além disso, tem um outro aspecto interessante, que identificamos a partir de Mabel Moraña (2021). Para a pesquisadora uruguaia, das dualidades que organizam nossas experiências somáticas, algumas são mais incômodas. Isso porque, ao nosso ver, são menos óbvias. Diz Moraña (2021,n/d)

de todos os dualismos que se aplicam [ao corpo], o que distingue o corpo abstrato, superteorizado e separado dos corpos reais e sofredores é o mais perturbador, porém é parte dos esquemas com que as culturas manejam para aproximar-se da realidade escorregadia da corporalidade, cuja dimensão conceitual e ideológica parece ir eclipsando sua materialidade (tradução nossa).

O “escândalo” da performance de Tertuliana, na sua reflexão sobre “educar com o cu”, em contraste com a diversidade de textos jornalísticos sobre práticas sexuais anais, resulta de posicioná-la no lado “indigno” da dualidade legítimo/ilegítimo, uma vez que se deu num espaço público, foi feito por uma pessoa trans, não se autoriza pelo discurso médico e nem de constitui como uma espécie de confiança midiática. Enquanto as manifestações de celebridades e os conselhos médicos operam no polo a princípio confortável de normalização das práticas sexuais com o cu, a voz, a bunda e a presença de Tertuliana Lustosa parecem ainda apontar para essa outra dualidade, entre ideal e material. Os corpos das celebridades e os desenhos ilustrativos de matérias jornalísticas se contrapõem então ao corpo real de Tertuliana Lustosa. Enquanto aqueles falam “em abstrato” e se colocam como corpos (e práticas) “idealizados”, a performance da historiadora, compositora e cantora trans aparentemente foi por demais material para o bom gosto e a sensibilidade moral e ideológica de diversos atores sociais.

5. Considerações “anais”

Hocquenghem (2009) investe em um terrorismo anal para denunciar como o controle do cu integra as táticas das estratégias de controle sustentadas pelo fluxo heterossexualidade e capitalismo. Localizar o cu fora dos limites do campo social é endereçar o desejo homossexual/anal para o submundo, é uma forma de “produzir um impulso desejante para o submundo, de uma libido atraída por objetos fora das leis comuns do desejo” (Hocquenghem, 2020, n.p.). Medicalizado, moralizado e/ou criminalizado, o uso do cu como órgão sexual segue sendo considerado um uso “delinquente” e prescrito do corpo. Assim, como alertou

Hocquenghem (2020), os prazeres anais foram colocados de mãos dadas com as práticas ilícitas, interpretadas como atos pertencentes às margens, envolto sempre em ligações perigosas. “O ânus desempenha para os órgãos o papel que o narcisismo desempenhava para a constituição dos indivíduos: é a fonte de energia de que nascem o sistema sexual e a opressão que faz reinar sobre o desejo” (Hocquenghem, 2009, p. 73-74, tradução nossa).

A rede textual que mobilizamos nesse artigo permite ver que muitas das considerações de Hocquenghem se mantêm atuais. O cu continua sendo lugar de insulto e injúria, de castração, de impenetrabilidade e, portanto, de medo, ao menos por parte de construções regulares de masculinidade. Nessa perspectiva, os prazeres anais permanecem como algo subversivo, como um não-dito eloquente demais para não ser ouvido. Ao mesmo tempo, a emergência de narrativas midiáticas que afirmam o prazer anal de homens e mulheres parece trazer algum deslocamento nessa conformação mais tradicional, inclusive pela disseminação de expressões como “fio terra” e beijo grego. Essa fala pública, se pode ser vista como uma novidade, é perpassada por tensões entre prazer e perigo, entre o mundo idealizado das celebridades e o mundo real das “pessoas comuns” e, especialmente, regulado pelo discurso médico, que atua como instância de legitimação de práticas eróticas anais. Nesse cenário, a materialização do cu como lugar de prazer fora de uma dicção íntima, em ambiente institucional, ao largo do discurso médico e performado por um corpo trans é visto como inapropriado e escandaloso.

O cu, como órgão sexual, parece então confrontar, escancarar de modo sensível, que dualidades como atividade/passividade, dominação/submissão, penetrar/ser penetrado, necessitam de constante reforço de modo a deixar para trás suas fissuras e inconsistências. Tais dualidades, no caso de homens, estão associadas à virilidade, pois como ensinam Corbin, Courtine e Vigarello (2013, p. 08):

[a] virilidade é marcada por uma tradição imemoral: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais “nobre”, se não a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A *virilitas* romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades claramente enunciadas: sexuais, aquelas do marido “ativo”, poderosamente constituído, procriador, mas também ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido. O *vir* não é simplesmente *homo*, o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação.

A rede textual que recuperamos aqui em alguns de seus fragmentos parece apontar para movimentos aparentemente contraditórios, portanto. Por um lado, temos a manutenção das

mesmas dualidades que sustentam as experiências dos corpos, de construção de masculinidades, das afirmações de virilidade. Por outro, algo parece mover-se, pois os prazeres do cu alcançam alguma legitimidade em diferentes falas sociais de homens e mulheres. No entanto, como vimos, essa fala a princípio legitimadora não se dá fora da prisão das dualidades tradicionais. O caráter subversivo do cu, como órgão sexual, então, se move para outras performances, para outros textos, em que ele não é apresentado como algo prescrito, de prazer delinquente, e sim como integrado a dinâmicas corporais, eróticas e orgásticas mais difusas, mas não menos reais, materiais e importantes. Os prazeres do cu, seja para quem for, continuam, então, a ser espaço de deslocamento, a provocar medo, às vezes ódio, mesmo quando sugerem apenas abertura, diversão e relaxamento.

Epílogo

Objeto de amor

Adélia Prado

De tal ordem é e tão precioso

o que devo dizer-lhes

que não posso guardá-lo

sem a sensação de um roubo:

cu é lindo!

Fazei o que puderdes com esta dádiva.

Quanto a mim dou graças

pelo que agora sei

e, mais que perdôo, eu amo.

Ponto de vista

Leila Miccolis

Eu não tenho vergonha

de dizer palavrões,

de sentir secreções

(vaginais ou anais).

As mentiras usuais

que nos fodem sutilmente

essas sim são imorais,

essas sim são indecentes.

Referências

- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CORBIN, COURTINE E VIGARELLO. *História da virilidade*. 1 A invenção da virilidade: da antiguidade às luzes. Petrópolis: Editora Vozes 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002a.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza e o problema da expressão*. São Paulo: Editora 34, 2002b.
- DEWEY, John. *Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir, nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vontade de saber*. São Paulo: Argos, 1978.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOCQUENGHEM, 17/11/2020. *Não podemos todos morrer na cama*. <https://www.revistapunkto.com/2020/11/nao-podemos-todos-morrer-na-cama-guy.html>. Acesso em jan.2025
- HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Melusina, 2009.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. *La vida de las líneas*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2018.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LUSTOSA, Tertuliana Mascarenhas. Educando com o cu: Introdução às pedagogias do corpo e do prazer. *Revista Periódicus*, v. 2, n. 19, p. 180-192, 2023.
- MACHADO, Felipe Viero Kolinski. *Homens que se veem: masculinidades nas revistas Junior e Mens Health Portugal*. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.
- MALABOU, Catherine. *O prazer censurado: clitóris e pensamento*. São Paulo: Ubu, 2024.
- MATOSO, Leonardo Magela Lopes; BEZERRA, Josenildo Soares. Arqueologia anal: da anatomia ao cárcere histórico do cu. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 7, n. 22, 2024.
- MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. “Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. *Galáxia (São Paulo)*, 2021.
- MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar. *Medium*, Natal, v. 6, 2015.
- MORAÑA, Mabel. *Pensar el cuerpo: historia, materialidad y símbolo*. Barcelona: Herder Editorial, 2021.
- PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? In: *Revista Periodicus*. Ed. 01, 2014.
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. *Terror anal*. In: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Madri: Melusina, p. 133-174, 2009.
- SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo Cu: Políticas Anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- SCHLLING, Chris. *O corpo: uma introdução histórica, social e cultural*. Petrópolis: Vozes, 2024.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*. UFMG, 2010.
- TURNER, Victor. *Dramas, Campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.



VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. n-1 edições, 2020.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, p. 460-482, 2001.